

# NA PRIMEIRA GUERRA, O CASO *AUGUSTO DE CASTILHO*

FRANCISCO EDUARDO ALVES DE ALMEIDA\*  
Capitão de Mar e Guerra (RM1)

---

## SUMÁRIO

Os protagonistas  
O encontro  
Epílogo

Estava eu pesquisando no Arquivo Histórico da Marinha de Portugal a passagem da Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG) por águas europeias após o término da Primeira Guerra Mundial, quando me deparei com uma interessante documentação primária. Minha intenção de pesquisa era verificar a periculosidade da área de operações designada para a DNOG, o triângulo entre Dacar, as ilhas de Cabo Verde e Gibraltar. Segundo minha hipótese inicial, considerei essa área de baixa peri-

culosidade quando confrontada com outras de maior atividade submarina germânica, como, por exemplo, o Mar do Norte, o Mediterrâneo e as costas norte-americanas.

Ao verificar os boletins diários de atividade submarina inimiga (*Bulletin de La Guerre Sous-Marine*), me defrontei com um evento próximo da área de atuação da DNOG que me chamou a atenção. Tratava-se de um combate ocorrido em 14 de outubro de 1918 entre um caça-minas português, o *Augusto de Castilho*, e um sub-

---

\* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval. Atualmente realizando o pós-doutorado no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. Colaborador assíduo da *RMB*.

marino alemão, o U-139, entre os Açores e a Ilha da Madeira. Nessa ocasião, o Almirante Fernando de Frontin havia designado o destróier brasileiro *Piauhy* para patrulhar as águas de Cabo Verde, tendo como base de apoio a cidade de São Vicente, mais ao sul de onde ocorreu esse combate.

Ao ler a documentação desse evento que me foi disponibilizada, verifiquei que estavam nele envolvidas figuras importantes da Grande Guerra. O primeiro envolvido era o Capitão-Tenente Lothar von Arnauld de la Perière, comandante do submarino alemão atacante, o U-139. Von Arnauld foi o mais destacado submarinista alemão da Primeira Guerra Mundial, tendo obtido o maior número de afundamentos de (195) navios na guerra sendo dois deles navios de combate, com um total de 456 mil toneladas. De outro lado estava o Primeiro-Tenente José Botelho de Carvalho Araújo, comandante do pequeno caça-minas português *Augusto de Castilho*, oficial destacado que já exercera funções políticas na república que se instalara em Portugal em 1910. Duas figuras que iriam se bater em pleno Oceano Atlântico em torno de um navio mercante lusitano, o *São Miguel*, que era o alvo de Von Arnauld.

Essa a seguir é a história dos dois personagens da trama.

## OS PROTAGONISTAS

Lothar von Arnauld de la Perière nasceu em Posen, na Prússia, em 1886, entrando para a Marinha de guerra em 1903. Quando do combate com o *Augusto de Castilho*, já possuía diversas condecorações, dentre as quais se destacavam as Cruzes de Ferro de Primeira e Segunda Classe, a Cruz do Mérito Militar, a Ordem da Casa Real Hohenzollern, a Ordem de Leopoldo e a mais importante medalha de guerra que lhe fora confiada (em 11 de outubro de 1916),

a Pour Le Mérite, a chamada Blue Marx, por seus feitos como comandante do U-35, o mais bem-sucedido submarino da guerra.

Seu desempenho como comandante de submarino fora até ali extraordinário. No comando do U-35 nos meses de abril e maio de 1916, afundara 23 navios, totalizando 68 mil toneladas perdidas pelos aliados. Em julho e agosto daquele ano, viria a repetir esse feito, pois em apenas quatro semanas afundou 54 navios, totalizando 91.150 toneladas, utilizando somente qua-



Capitão-Tenente Lothar von Arnauld de la Perière

tro torpedos. Von Arnauld preferia sempre o uso de canhões de 88 mm para afundar suas vítimas, economizando assim torpedos para alvos mais compensadores e em auto-defesa. Viria declarar que seu desempenho nessa patrulha “foi tranquilo e enfadonho. Parávamos os navios. Um grupo de presa inspecionava os documentos desses navios, informava às tripulações apresadas como atingir as costas mais próximas e então afundávamos os navios mercantes”.

Tudo muito simples, sem pressa e sem perturbação.

Oficial modesto, era respeitado por sua tripulação e seu nome era reconhecido na Marinha como o de um combatente valente e audaz, tornando-se quase uma lenda no serviço submarino. Suas características marcantes eram a nobreza e a honradez com que conduzia suas ações, sempre se pautando pelas regras de civilidade e respeito à vida de seus oponentes. Era o mais destacado dos comandantes de submarinos.

Assumira o comando do U-139, componente da Flotilha Kreuzer, pouco tempo antes em 18 de maio de 1918 e estava em sua primeira patrulha de combate. Ele já afundara três navios nesse período. No dia 1º de outubro, próximo ao Cabo Villano, na costa espanhola de La Coruña, atacara três navios e afundara dois, o *Bylands*, de bandeira britânica e o *Manen*, de bandeira italiana. No dia seguinte atacara e afundara o navio português *Rio Cavado* naquelas paragens. Nesses ataques, tivera uma avaria em dois de seus periscópios e uma mossa na vela do submarino que lhe impedia de lançar os torpedos quando submerso. Nada que lhe perturbasse o sono. Seu navio era moderno e bem equipado, dispondo de dois canhões de 150 mm.

Seu adversário viria a ser o primeiro-tenente da Armada portuguesa José Botelho de Carvalho Araújo. Nascido na cidade do Porto em 1880, criou-se na Villa Real de Trás-os-Montes. Entrou na Escola Naval em 1889 e saiu guarda-marinha em 1903, mesmo ano de entrada de von Arnauld na Marinha alemã. Em 1905 foi promovido a segundo-tenente e em 1915 a primeiro-tenente. Serviu no Índico, em Cabo Verde e em Macau. Foi deputado quando da proclamação da república em Portugal, em 1910, e defendeu arduamente a entrada de seu país na guerra contra a Alemanha.



Primeiro-Tenente José Botelho de  
Carvalho Augusto

Combateu os alemães em Angola em 1914 e 1915, em um batalhão de infantaria, tendo sido designado em 1916 para ser governador de Inhambane, em Moçambique. Comandou o Caça-Minas *Manuel de Azevedo Gomes* na defesa do porto de Lisboa. Era um democrata e republicano convicto, tendo sido inimigo do Presidente da República e ditador Sidónio Pais, que o queria ver longe de Lisboa. O comando de um navio em operações de guerra longe da metrópole era conveniente ao ditador por certo. Quererá o destino ser cruel com Sidónio. Em dezembro de 1918, foi assassinado na Estação de Comboios do Rossio por um adversário político.

Carvalho Araújo era considerado valente, destemido e convicto de suas ideias por seus pares na Armada portuguesa, tendo assumido o comando do *Augusto de Castilho* naquele final de 1918. Seu navio fora um pequeno vapor de pesca de nome *Elite*, com 500 toneladas, armado com duas pequenas

peças de 65 mm e 47 mm. Sua tripulação, composta por 42 homens, fora reconvocada para o serviço naval. O pequeno, mas bravo navio já tivera naquele ano dois encontros com submarinos inimigos, o primeiro em março e o segundo em agosto de 1918. Em ambos os submarinos se evadiram.

O cenário estava armado para o encontro dos dois protagonistas.

## O ENCONTRO

Na madrugada de 13 para 14 de outubro de 1918, Von Arnauld, em patrulha com o U-139, avistou na linha de navegação entre a Ilha da Madeira e Açores um mercante escoltado por um pequeno navio que se encontrava na sua alheta de bombordo. Imediatamente pressentindo novo alvo, iniciou uma perseguição à distância de duas milhas para melhor posição de tiro com a luz do dia. Os navios seguiam na direção dos Açores em um rumo NW.

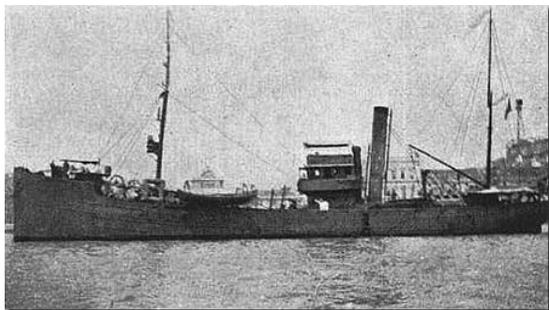
O pequeno navio escolta era o *Augusto de Castilho*, sob o comando de Carvalho Araújo, e o navio mercante de carga era o *São Miguel*, de bandeira portuguesa, transportando 206 passageiros, muitos dos quais mulheres e crianças que se dirigiam aos Açores. Sua velocidade de avanço era baixa, em torno de 9 nós, o que facilitava a aproximação do submarino navegando na superfície com baixa silhueta.

O *Augusto de Castilho* saíra de Lisboa em 8 de outubro comboiando o Vapor *Beira* em direção a Funchal. Lá chegando, Carvalho Araújo recebeu ordem do capitão do porto de não desembarcar a sua tripulação, uma vez que viera de Lisboa, onde grassava um surto de gripe espanhola, e assim permanecer em quarentena até novas ordens. Logo em seguida este determinou que o *Augusto de Castilho* suspenderesse de Funchal para os Açores comboiando o *São Miguel*. Essa medida permitiu liberar para outras atividades a Canhoneira *Mandovi*, que seria o escolta inicial desse navio.

Tudo acertado, Carvalho Araújo suspendeu com o seu navio juntamente com o *São Miguel*. O tempo encontrava-se bom, e as primeiras 12 horas de travessia transcorreram sem tropeços. Carvalho Araújo dividia os quartos de serviço com o seu imediato, Guarda-Marinha Manoel Armando Ferraz.

Por volta das 6h15 do dia 14, Von Arnauld, já aproveitando a boa visibilidade reinante, resolveu atacar a dupla de navios com seus canhões de 150 mm, provocando um grande alarde a bordo dos dois vapores portugueses. Aproveitando, assim, os dois canhões, determinou que um enquadrasse o mercante e o outro o pequeno escolta. Carvalho Araújo estava no passadiço e mandou imediatamente tocar “postos de combate” e revidar os tiros vindos do submarino.

Após breve troca de tiros, em que se percebia a superioridade dos canhões alemães de 150 mm sobre os pequenos obuses portugueses de 65 mm e 47 mm, Carvalho Araújo, como forma de proteger o *São Miguel*, que aumentara a velocidade para 14 nós de modo a se afastar do perigo, lançou uma cortina de fumaça para esconder o mercante do submarino. Determinou, logo em seguida, uma guinada de 180 graus e que o seu navio aproasse ao submarino de modo a tentar abalroá-lo. Decisão difícil e



*Augusto de Castilho*

desesperada de quem tinha a responsabilidade de defender o paquete lusitano.

Ao aproar, apenas o canhão de vante de 65 mm passou a alvejar o submarino, no entanto os tiros eram erráticos, pois o *Augusto de Castilho* não possuía telémetro nem binóculos adequados, sendo o tiro feito a olho nu, com espotagem visual. Von Arnauld determinou imediatamente que o tiro fosse dirigido diretamente ao pequeno escolta que se aproximava, apesar da fumaça reinante. Uma salva atingiu em cheio o navio de Carvalho Araújo, matando alguns tripulantes portugueses. Por ter maior velocidade, o U-139, com 15 nós, se posicionou perpendicularmente ao escolta lusitano, aproveitando assim os seus dois canhões mais potentes. O *Augusto de Castilho* não conseguia mais que 10 nós e começou a ser alvejado seguidamente pelo submarino alemão, em razão da diminuição da fumaça no local.



Passadiço do *Augusto de Castilho*

Enquanto essa ação de retardamento acontecia, o *São Miguel* se afastava da área de combate. Von Arnauld, em razão da reação do pequeno navio-escolta e da ainda ativa nuvem de fumaça reinante, não conseguia enquadrar o vaso mercante e, assim, passou a atingir o navio de Carvalho Araújo, que dirigia as duas peças de artilharia contra o U-139. Em outro ato desesperado, o comandante lusitano interpõe novamente seu navio entre o *São Miguel* e o U-139.

Von Arnauld, então, guina novamente de modo a voltar a atingir o *Augusto de Castilho*, o que facilita o afastamento do vapor mercante. O número de mortos e feridos ia aumentando no escolta português. Como forma de manter distância do pequeno caça-minas, Von Arnauld manteve-se fora do alcance do armamento inimigo e dentro do seu próprio, em uma distância superior a 3 milhas.

Aos poucos a munição vai se escasseando no navio português. Carvalho Araújo já via o seu protegido se afastando em direção aos Açores. Eram já 8h15, quase duas horas de combate. Os tiros do escolta não faziam qualquer efeito no submarino de Von Arnauld. Além disso, em razão da alta velocidade de tiro dos pequenos canhões portugueses, começaram a ocorrer incidentes de tiro que faziam com que muitas granadas não fossem percutidas.

Percebendo que o *São Miguel* já se encontrava longe do inimigo, a cerca de 25 milhas, Carvalho Araújo determinou nova guinada, dessa feita em direção aos Açores. Von Arnauld seguiu em sua perseguição, mantendo-se fora do alcance do canhão de ré de 47 mm. O Guarda-Marinha Ferraz, imediato do navio lusitano, avisou ao comandante que só existiam 10 tiros de 65 mm e 32 de 47 mm. Já tinham sido disparados 175 tiros no combate contra o U-139. Carvalho Araújo ordenou então nova guinada de 180 graus em direção ao inimigo e descarregou toda a munição de vante, procedendo a nova guinada de 180 graus, gastando os últimos tiros de 47 mm no submarino adversário. Pouco tempo depois, a munição do navio acabou. Von Arnauld, percebendo a situação, se aproximou mais do *Augusto de Castilho*. O número de mortos e feridos jogados no convés era grande, e Carvalho Araújo percebeu que nada mais poderia fazer. Mandou então arriar a meia adriça a Bandeira Nacional, que

se encontrava içada, em sinal de rendição. A tripulação, em ato desesperado, começou a baixar as baleeiras de salvamento. Von Arnould não deve ter percebido a posição da bandeira portuguesa e continuou a disparar com seus canhões de 150 mm, dessa feita mais próximo do navio lusitano. Carvalho Araújo então determinou o içamento da bandeira branca no mastro principal, já que não poderia mais oferecer qualquer tipo de resistência. Von Arnould continuou a disparar, para a perplexidade de todos os tripulantes do *Augusto de Carvalho*. Novo tiro, e Carvalho Araújo, já posicionado a bombordo do seu navio, foi mortalmente ferido no peito, vindo a falecer logo depois. Ferraz também se feriu, mas sem gravidade. Por que Von Arnould continuou a atirar? Teria deixado de ser honrado se quisesse eliminar todos os seus inimigos naquele pequeno caça-minas que lhe ofereceu tenaz resistência? Não, nada disso. Um sinaleiro do caça-minas percebeu que a bandeira de Portugal continuava tremulando na popa, e isso significava que o combate ainda prosseguiria. Imediatamente correu a popa e arriou o pavilhão de seu país, e logo Von Arnould determinou o cessar-fogo no seu submarino.

O Comandante Armando da Silva Saturnino Monteiro, em seu belo livro *Batalhas e combates da Marinha portuguesa*, comentou a sua visão de por que Von Arnould continuou a atirar contra o *Augusto de Castilho*, apesar do sinal claro de rendição. Segundo esse oficial, Von Arnould estava ansioso para ir em perseguição ao *São Miguel*, do qual pouco se avistava no horizonte. Queria então logo eliminar o caça-minas inimigo e partir resoluto para a sua segunda e mais preciosa vítima. O que veio a precipitar a sua desistência de perseguir o navio mercante foi um incidente de tiro no seu submarino quando uma granada de 150 mm explodiu prematuramente na boca

do canhão. Alguns tanques de combustível e parte do casco ficaram avariados, o que demandou reparos emergenciais; logo, uma perseguição nessas condições seria altamente problemática.

Segundo pude perceber da ação, Von Arnould não vira o sinal de rendição do navio português, tanto que, logo que o percebeu, determinou a cessação do fogo. Ele tinha consciência de que não teria reserva de velocidade para alcançar o *São Miguel*, que se afastava a 25 milhas, mantendo uma velocidade de 14 nós, quase a mesma que ele manteria se estivesse em boas condições operacionais. O U-139 não conseguiria alcançá-lo naquelas condições. Além disso, deve ser levada em consideração a postura sempre honrada e decidida de Von Arnould durante a guerra. O fogo foi mantido porque, para ele, o *Augusto de Castilho* continuava combatendo e cabia a ele, Von Arnould, eliminá-lo logo. Não atiraria em hipótese alguma em um adversário batido; tanto que, ao ver a bandeira portuguesa sendo arriada no mastro de ré, ordenou o cessar-fogo. Depois veria a situação do vapor que se afastava. Não acredito que as avarias fossem impedi-lo de perseguir o vapor mercante. Avaliou a situação de tempo e espaço e percebeu a inutilidade da perseguição. O *Augusto de Castilho* era a sua preocupação naquele momento.

Voltemos à ação. Foi então determinado o abandono do navio. Uma das baleeiras, a de bombordo, se avariou, e a de boreste recebeu a maior parte da tripulação que não estava morta ou ferida, cerca de 29 homens. No navio ainda se encontravam 12 tripulantes vivos. Conseguiram esses homens arriar uma jangada e se dirigiram para o submarino. O mais antigo nessa embarcação era o imediato, o Guarda-Marinha Ferraz. Eram cerca de 8h30 – duas horas e 15 minutos de ação. A baleeira de boreste, com os 29 homens, já recebera as instruções



Ferraz e os sobreviventes

dos alemães para se dirigir a Santa Maria, onde chegou dois dias depois. Durante essa travessia, um dos feridos veio a falecer.

Imediatamente, Von Arnould determinou que os feridos da jangada fossem atendidos por seus marinheiros. A comunicação entre portugueses e alemães foi feita em francês, e logo todos os 12 homens foram atendidos pelo médico do submarino. Os feridos foram tratados, e um dos alemães começou a filmar toda a ação. Para a alegria dos historiadores navais contemporâneos, esse filme ainda existe e está disponível na internet. Para aqueles que desejarem vê-lo, basta apenas acessar [www.cinemateca.pt/cinemateca-digital/ficha.aspx?obraid=2261&type=video](http://www.cinemateca.pt/cinemateca-digital/ficha.aspx?obraid=2261&type=video) e um filme de cinco minutos e 20 segundos estará disponível, com toda a dramaticidade que o momento requereu.

Von Arnould não escondeu a sua admiração pela resolução e valentia daquele pequeno caça-minas. Viria a declarar, anos mais tarde, o seguinte: “Ao largo dos Açores, o U-139 travou o seu último combate e bem riço ele foi... a canhoneira atacou-nos (a *Augusto de Castilho*). Era um antiquado e mísero barquito sem peças capazes de competirem com as nossas e tinha uma guarnição por metade da do nosso navio. Nunca vi uma luta mais valente do que a sustentada por aquele pequeno calhambeque. Os portugueses combatiam

como demônios, disparando granadas uma atrás da outra com as suas pequenas peças de brincar, enquanto nós os varriámos da popa à proa”.

Depois de atendidos na jangada, os portugueses, cujo mais antigo deles era o Guarda-Marinha Ferraz, Von Arnould determinou, como era seu costume, um grupo de presa para abordar o caça-minas. O oficial de armamento do submarino foi enviado a bordo, onde desmontou o sino do navio, que levou para o comandante como lembrança. As bandeiras branca e portuguesa foram arriadas e cobriram o corpo de Carvalho Araújo, que jazia por bombordo do navio. A peça de 65 mm foi desmontada e levada para o submarino. Por fim, foram assentadas cargas explosivas para facilitar o afundamento do navio português. Em 30 minutos o *Augusto de Castilho* foi ao fundo, levando os corpos dos mortos consigo, incluindo o de seu bravo comandante. No filme disponibilizado na internet, pode ser percebido que Von Arnould também utilizou os seus canhões para afundar o pequeno navio lusitano.

A pequena embarcação com os sobreviventes portugueses estava a contrabordo do U-139, e Ferraz percebeu que era um grande submarino de talvez 1.200 toneladas, com cerca de 70 homens, bem armado e sem avarias em seus canhões e em seu convés, confirmando minha suposição de que ou não houve qualquer avaria aparente ou, se ocorreram, foram mínimas. Seu comandante, que ele não sabia ser o ás Von Arnould, permaneceu todo o tempo na vela, observando o horizonte para qualquer outro alvo. Em nenhum momento os portugueses foram ofendidos ou maltratados pelos alemães.

Com indicações de mão no rumo para os Açores, os alemães liberaram a embarcação por volta de 11h30, isto é, pouco mais de cinco horas depois do contato inicial. Com poucos suprimentos, a embarcação com 12

homens, grande parte deles feridos, iniciou, sob a direção de Ferraz, uma derrota para os Açores, guiando-se pelo Sol e pelas estrelas. Após sete dias de muito sofrimento, nos quais foram navegadas mais de 200 milhas, alcançou a Ilha de São Miguel, nos Açores. Os homens estavam debilitados e sedentos, mas ainda vivos. Um prodígio de perseverança e resistência.

O combate final do *Augusto de Castilho* provocara a morte de seis tripulantes, inclusive a de seu comandante, e deixara um desaparecido e 16 feridos. Não se teve notícias de mortos ou feridos no submarino inimigo. O U-139 continuou sua patrulha de combate. Vinte e oito dias depois, a Grande Guerra terminava.

## EPÍLOGO

Todos os mortos do *Augusto de Castilho* foram promovidos ao posto superior, por distinção, assim como o Guarda-Marinha Ferraz, o chefe de máquinas e um marinheiro artilheiro. Além disso, Ferraz recebeu a Cruz de Guerra e a Torre e Espada como reconhecimento por sua liderança e postura durante e após o combate, principalmente na condução segura da embarcação até os Açores. O Comandante Carvalho Araújo, postumamente, e algumas praças do navio receberam a Cruz de Guerra. Interessante mencionar que só em 1959 Carvalho Araújo viria a receber do Governo Salazar a comenda Torre e Espada, que fora conferida a Ferraz 41 anos antes.

Von Arnauld continuou sua carreira na Marinha alemã do pós-guerra. Comandou, como capitão de fragata, o Cruzador Ligeiro *Emden*, em 1928. Promovido a capitão de mar e guerra em 1931, solicitou transferência para a reserva, sendo contratado pela Marinha turca para ser instrutor em sua Academia Naval, onde permaneceu até 1938. Com

a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939, foi reconvocado e promovido a contra-almirante, comandante Naval de Dantzig, após a queda dessa cidade. Logo em seguida, foi comandante naval dos Países Baixos (Bélgica e Holanda) e comandante naval da Bretanha e do Setor Naval de Defesa Oeste na França. Promovido a vice-almirante em 1º de fevereiro de 1941, assumiu o Comando Naval do Sul, quando foi designado para manter confabulações com o governo de Vichy.



Almirante de la Perière

Viria a falecer em um acidente aéreo logo depois, ainda em 1941, próximo a Paris. Encontra-se enterrado no Cemitério dos Inválidos, em Berlim.

Assim termina a história do Caça-Minas *Augusto de Castilho*, de Carvalho Araújo e de Von Arnauld de la Perière em seu U-139. Um acontecimento que não teve grande significação estratégica na guerra de 1914-1918, mas que deixou um exemplo de

determinação, cumprimento do dever e valentia que serve como inspiração a todos os

homens do mar que amam seus países, não importando de que nacionalidade sejam.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRA>; Primeira Guerra Mundial; Marinha de Portugal; Marinha da Alemanha;

### BIBLIOGRAFIA

1. *Bulletin de La Guerre Sous-marine*, 1918. Arquivo Histórico da Armada de Portugal.
2. CANAS, Antonio Costa. *Primeiro-Tenente José Botelho de Carvalho Araujo*. Adaptação do livro *Patronos dos Cursos Tradicionais da Escola Naval 1936-2007*.
3. FERRAZ, Manoel Armando. Relatório ao Comandante da Defesa Marítima dos Açores. Ponta Delgada: 25 de outubro de 1918. Disponível no Arquivo Histórico da Armada de Portugal.
4. LOWELL, Thomas. *Raiders of the Deep*. New York: Doubleday, Doran & Co, 1929.
5. MONTEIRO, Armando da Silva Saturnino. *Batalhas e Combates da Marinha Portuguesa*. v. 8. Lisboa: Sá da Costa, 1997.
6. SILVA, Henrique Monteiro da. Relatório do Comandante da Canhoneira *Ibo* ao Comandante da Defesa Marítima dos Açores. Horta: 25 de outubro de 1918. Disponível no Arquivo Histórico da Armada de Portugal.
7. VASCONCELOS, Caetano Moniz. Relatório do Comandante do vapor *São Miguel* à Direção de Transportes Marítimos do Estado. Lisboa: 1º de novembro de 1918. Disponível no Arquivo Histórico da Armada de Portugal.
8. WWW.uboaat.net
9. WWW.cinematca.pt/cinematca-digital/ficha.aspx?obraid=2261&type=video